

apresentação

Dedicado à obra de Chico Buarque, este número da *Aletria: Revista de Estudos de Literatura* se abre com uma pergunta cuja resposta nos parece óbvia à primeira vista: quem é Chico, afinal? Ora, com uma vasta produção iniciada em meados dos anos 1960, ele vem sendo amplamente reconhecido como compositor e intérprete consagrado da MPB, autor de peças teatrais e, mais recentemente, como romancista traduzido para dezenas de idiomas.

Entretanto, em depoimento datado de 1998 e intitulado “Chico de Hollanda, de aqui e de alhures”, o cineasta e escritor Ruy Guerra acrescenta outros atributos passíveis de caracterizar o compositor, teatrólogo e escritor:

Parceiro de euforias e desventuras, amigo de todos os segundos, generosidade sistemática, silêncios eloquentes, palavras cirúrgicas, humor afiado, serenas firmezas, traquinas, as notas na polpa dos dedos, o verbo vadiando na ponta da língua – tudo à flor do coração, em carne viva... Cavalos de sambistas, alquimistas, menestréis, mundanas, olhos roucos, suspiros nômades, a alma à deriva, Chico Buarque não existe, é uma ficção – saibam. Inventado porque necessário, vital, sem o qual o Brasil seria mais pobre, estaria mais vazio, sem semana, sem tijolo, sem desenho, sem construção.¹

Investindo nas considerações finais de Ruy Guerra, acreditamos ser possível afirmar que é justamente pela via das incontáveis leituras de sua extensa e diversificada obra que (re)inventamos constantemente Chico Buarque, a partir da (re)invenção que ele próprio instaura a cada nova criação que nos apresenta.

¹ GUERRA. Chico de Hollanda, de aqui e de alhures.

O Chico-compositor (com suas, aproximadamente, 500 canções) é, sem dúvida, a mais conhecido dentre as várias facetas com que se tenta abarcá-lo, mas também não deixa de sê-lo o Chico-teatrólogo (de *Roda-viva*, *Calabar*, *Gota d'água*, *Ópera do malandro*) e, finalmente, o Chicoromancista, autor de *Estorvo*, *Benjamim*, *Budapeste*, *Leite derramado* e *O irmão alemão*.² Ainda que sua produção já tenha sido objeto de tantos estudos, aí incluída quase uma centena de dissertações de mestrado e teses de doutorado, os textos deste número da *Aletria* procuram construir mais um pequeno mosaico crítico da obra deste artista multifacetado, obra essa que permanece sempre aberta a novas interpretações.

O primeiro artigo, de Roniere Menezes, percorre algumas canções de Chico Buarque para nelas resgatar a sensibilidade do compositor ao evocar, musicalmente e em versos, o homem comum, seja ele um lavrador, um migrante, o mesmo que, na cidade grande, se traveste ora de operário, ora de sargento ou guarda-noturno, para citar apenas alguns personagens que habitam as canções de Chico.

Já Elisabete Alfeld analisa na canção “Funeral de um lavrador” a intensa sintonia que Chico Buarque estabelece com o poema de João Cabral, recriando-o musicalmente, e com o espetáculo *Morte e vida severina* como um todo.

Na sequência, três autores – Anderson Luis Thomaz, Maurini de Souza e Marcelo Fernando de Lima – examinam cinco canções da *Ópera do malandro* sob a perspectiva do teatro épico brechtiano, no qual a música não se confunde com o espetáculo, mas atua de forma independente dele.

Em “Sob espelhos: reflexões em torno da autoria em *Budapeste*, de Chico Buarque”, Maria Irenilce Rodrigues Barros e Leonardo Francisco Soares, a partir, sobretudo, das propostas teóricas de Michel Foucault e Roland Barthes, tratam a problemática da autoria como inerente à trama narrativa de *Budapeste*, na medida em que estabelecem um jogo especular entre Chico Buarque e José Costa/Zsoze Kósta, e criam um descentramento ficcional do sujeito.

² Não se pode esquecer, igualmente, do contista (“Ulisses”), do novelista (*Fazenda modelo*), do escritor de história infantil (*Chapeuzinho Amarelo*), do cronista (autor de textos sobre o futebol, com destaque para os escritos durante a Copa do Mundo de 1998, realizada na França, ocasião em que foi correspondente dos jornais *O Globo* e *Estado de São Paulo*), do roteirista cinematográfico (com *Os saltimbancos trapalhões* e *Ópera do malandro*, entre outros filmes).

Os dois textos seguintes põem em cena a personagem Matilde, do romance *Leite derramado*. Alexandra Loiola Sarmiento, a partir de uma leitura bakhtiniana, estabelece curiosa comparação entre a Matilde buarquiana e a personagem dantesca Matelda, d' *A divina comédia*. Já Margarida Alacoque Chaves, dialogando com proposições de Walter Benjamin, detecta em Matilde uma construção de caráter compósito, ou mosaico, que reúne e sintetiza diferentes personagens da literatura brasileira, de Iracema a Luzia-Homem.

O dossiê se fecha com uma resenha de Georg Otte sobre *O irmão alemão*, último livro de Chico Buarque, e com entrevista concedida à *Aletria* pelo jornalista e escritor Humberto Werneck, autor da reportagem biográfica “Gol de letras”, inserida em *Chico Buarque: letra e música*, reportagem essa posteriormente revista e publicada em *Tantas palavras*.

Na seção *Varia* encontram-se dois trabalhos com agudas afinidades entre si: “Poesia contra o tempo: tensões e distensões, enigmas e metáforas”, de autoria de Diogo Nunes, e “Mimese, linguagem e poesia: pensamentos sobre origem e repetição em Benjamin e Heidegger”, de Luiz Felipe da Cunha e Silva. O primeiro discorre sobre os impasses entre a transitoriedade e a eternidade na poesia. O confronto entre o eterno e o fugaz, o perene e o transitório são apontados via análise de alguns poemas de Mário Quintana e Vinicius de Moraes, autores que, com suas respectivas obras, criam uma espécie de antiteoria da poesia. Já o artigo de Luiz Felipe da Cunha e Silva, apesar de também trabalhar acerca dos limites da participação da expressão humana na dimensão temporal, possui um viés mais teórico. Elege dois pensadores (com severas diferenças conceituais entre si), Heidegger e Benjamin, para problematizar a questão do tempo. Diz o autor ao tentar resumir o seu gesto de escrita:

A partir do pensamento de Benjamin sobre a repetição, a mimese e a semelhança não física, chega-se à linguagem e ao prazer do signo, que são discutidos à luz do pensamento de Heidegger sobre a origem da poesia e da obra de arte. O problema da origem da linguagem faz o pano de fundo da discussão.

O terceiro artigo, de Marcos Flamínio Peres, propõe indagar em que medida os romances de Walter Scott desempenham papel exemplar no que diz respeito a conceitos como *arquetipo* e *competência ficcional*. Para tanto, localiza duas linhas de força críticas antagônicas: uma tendendo

a situá-lo dentro do conjunto da literatura ocidental, reatualizando arquétipos ancestrais (Frye); outra considerando-o a quintessência do romance histórico por representar momentos cruciais por que passava a sociedade capitalista entre os séculos XVIII e XIX (Lukács). O objetivo de realizar este apanhado teórico é comparar *Waverley* (1814), de Scott, com *As minas de prata* (1865-1866), romance de José de Alencar que, segundo o autor, comunga estratégias narrativas similares.

Ana Maria Clark Peres
Georg Otte
Mariza Werneck

Referência

GUERRA, Ruy. Chico de Hollanda, de aqui e de alhures. Chico Buarque, out. 1998. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html>>. Acesso em: 2 set. 2016.